

ENTRETANTO, OLHO O CHÃO DE LISBOA

Jon Olier (Jonatas Olier Araújo da Silva)

Artista e ativista, Belo Horizonte, Brasil

Trabalho submetido: 10/7/2024

Aprovado: 8/8/2024

As andorinhas anunciam a chegada do verão em Lisboa e a multidão de turistas que invadem a cidade aumenta em seu número cada vez maior. As redes sociais influenciaram profundamente o modo de conhecer a cidade nova: é preciso caminhar sempre em direção à melhor pastelaria, ao melhor elevador, o melhor bonde, o miradouro com o melhor pôr-do-sol... tudo sempre prenunciado por alguma entre as várias páginas de internet que divulgam o melhor dos "segredos" da cidade. Eu, caminho desatento, a olhar pequenas miudezas como o encontro de velhas amigas, a tonalidade do céu tão azul ou que árvore seria aquela se não é uma tília. Descubro, ao olhar para o chão, o que se tornaria meu jogo com a cidade: as famosas calçadas portuguesas, velhas conhecidas de alguém que mora em Belo Horizonte. Objeto desinteressante para os turistas tão afeitos a filas e quinquilharias, demandam caminhada livre, sem atenção focada no próximo ponto da moda. Me torno figura estranha, ando a olhar para o chão e querer fotografar e desenhar cacos de pedra. Começo a colecionar desenhos que remetem a negócios que já não existem, retratos da passagem do tempo e da substituição frenética das lojas que servem aos turistas. A pedra é uma pequena janela no tempo e me conecta num instante mesmo ao processo de confecção da calçada e à uma série de acontecimentos no palco máximo da cidade: a rua. ENTRE TANTO (fig. 01) é o jogo de palavras que primeiro me chamou a atenção nessa busca.

O negócio já não existe – será que existiu? A palavra, fora um mistério para mim por muito tempo: usada para expressar contradição no Brasil, denota simultaneidade para portugueses. O olhar atento ao chão revelou ainda resquícios do ofício do calceteiro, onde as cartografias formadas por pedras irregulares cedem lugar a pequenas miudezas escondidas. Os espaços entre os desenhos guardam pequenas estrelas de quatro, cinco ou seis pontas, flores, cruzes e figuras geométricas variadas. A delicadeza aparece de surpresa entre os grandes padrões geométricos, registros do momento em que algum trabalhador decidiu estender seu tempo e colocar no chão uma marca de que ali esteve. Talvez uma assinatura frente a este ofício silencioso e em desaparecimento. Um lapso no seu tempo de trabalho e no meu tempo de caminhada. Não consegui encontrar referências de quem tivera produzido tais calçadas.

As fotos foram feitas em Lisboa durante uma residência artística com a parceira Sílvia Herval, a convite da Fogo Posto Associação (Portugal) e financiada com recursos da Funarte Mobilidade.

Jon Olier nasceu na cidade de Piranga/MG em 1992 e cresceu à beira do rio homônimo, no encontro das culturas caipira e marajoara. Artista e pesquisador da cultura popular mineira, encontra fôlego para suas produções nas trocas com o povo e a paisagem. É mestre em arquitetura e urbanismo pelo Npgau-Ufmg com a pesquisa “madeira, barro e pedra: as casas de roça na formação da paisagem rural de Piranga”. Ativista no Espaço Comum Luiz Estrela (Belo Horizonte), ocupa a casarona principalmente junto à Cozinha Comum, com quem foi residente na Bolsa Pampulha 2022. Em junho de 2024, durante residência em Lisboa, colecionou as fotos que fazem parte deste ensaio

<https://orcid.org/0009-0000-7162-3780>

jonatasolier@gmail.com

Este documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-No-Derivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0) <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>
© 2024 Jon Olier



















